REVISTA Língua & Literatura
ISSN 1984-381X

Vozes dissidentes: a ficção detetivesca chicana de Lucha Corpi

Dissident voices: the chicana detective fiction of Lucha Corpi

Juliana Machado Meanda[1]
Carla de Figueiredo Portilho [2]

Resumo: Este trabalho visa apresentar uma investigação sobre questões de raça, gênero e colonialidade presentes na série de ficção detetivesca da escritora Lucha Corpi. Serão examinadas as duas primeiras obras da série: *Eulogy for a Brown Angel* (1992) e *Cactus Blood* (1995), cuja protagonista é Gloria Damasco, a primeira detetive feminina da literatura chicana. Através desta personagem são apresentados diversos tópicos que envolvem o contexto cultural, histórico, social e político de um grupo subalternizado dentro dos Estados Unidos por possuir origens mexicanas. Busca-se apontar caminhos que levem à reflexão sobre opressão e exclusão social com base na perspectiva decolonial elaborada por pensadores latino-americanos como Walter Mignolo, Arturo Escobar, María Lugones, dentre outros.

Palavras-chave: Colonialidade. Gênero. Ficção detetivesca. Literatura chicana.

A escritora Lucha Corpi traz em sua biografia um rico arcabouço que é explorado como fonte de inspiração temática em sua obra literária. Nascida no México em 1945 e residente dos EUA desde a década de 1960, migrou para este país, mais especificamente para o estado da Califórnia, em plena efervescência dos movimentos pelos direitos civis. Sua chegada foi mais precisamente em 1964 na cidade de Berkeley, sede da *University of California, Berkeley*, local e época de grande agitação social, política e cultural, em que foi forte o ativismo estudantil. Dentre os grupos que reivindicavam justiça social estavam os chicanos - termo que pode designar tanto os mexicanos residentes dos EUA, como a autora, quanto os nascidos em território estadunidense de ascendência mexicana.

[1] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal Fluminense - UFF (Niterói/RJ - Brasil).
[2] Professora Doutora Associada do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal Fluminense - UFF (Niterói/RJ - Brasil).

A expressão "chicana/o" era usualmente utilizada com conotação pejorativa pelo grupo hegemônico estadunidense, porém, ao final da década de 1960, esta designação foi adotada com um significado de autoafirmação, como uma escolha da própria identidade, tornando-se uma palavra simbólica e ideologicamente carregada, que expressa o orgulho cultural de uma herança mexicana comum, de raízes indígenas e espanholas. (CASTRO, 2001, p. 46) Deste modo, o termo "chicana/o" é uma designação autointitulada por aquelas/es que se identificam com questões culturais, sociais e políticas referentes à comunidade de estadunidenses de origem mexicana ou de mexicanos que vivem nos EUA. Tomar esta denominação para si é uma forma de resistência e de posicionamento diante do contexto sociopolítico, mostrando a conscientização daquelas/es que assim se intitulam em relação às diversas questões que envolvem este grupo subalternizado. Nas palavras de Leila Harris:

> É importante frisar aqui que o termo "chicana", usado para denominar a mulher de descendência mexicana que nasce e/ou cresce nos Estados Unidos, implica uma consciência política que não é associada aos termos "hispânica", "latina", "mexicana-americana" e "americana de descendência mexicana." (HARRIS, 2003, p. 75)

Gloria Anzaldúa, consagrada teórica chicana, afirma que as mulheres chicanas são roubadas de seu ser feminino pelo plural masculino da língua espanhola (*nosotros*), salientando que a linguagem é um discurso masculino. (ANZALDÚA, 1987, p. 54) Ela elabora a seguinte consideração a respeito das diversas denominações das/os chicanas/os: "[...] *we call ourselves Mexican, referring to race and ancestry*; *mestizo when affirming both our Indian and Spanish* [...]; *Chicano when referring to a politically aware people born and/or raised in the U.S.*; *Raza when referring to Chicanos* [...]" (ANZALDÚA, 1987, p. 63)[3] Deste modo, a palavra-chave relacionada ao termo "chicana/o" é consciência política, conscientização a respeito das diversas opressões com que este grupo tem que lidar e em especial aquelas a que as mulheres desta coletividade estão sujeitas.

Lucha Corpi é o nome artístico adotado pela autora, escolhido por ela a partir de seu apelido desde menina e de seu sobrenome paterno, escolha que está relacionada também à sua (auto)identificação como escritora chicana. A palavra *lucha* em espanhol pode ser associada especialmente à luta que travam as mulheres chicanas. Corpi denota em sua obra um

[3] "[...] nós nos chamamos de mexicano referindo-nos a raça e ancestralidade; *mestizo* ao afirmar nossa herança indígena e espanhola [...]; Chicano ao nos referirmos a pessoas politicamente conscientes nascidas e/ou criadas nos EUA; *Raza* quando referimo-nos a Chicanos [...]" (ANZALDÚA, 1987, p. 63) [tradução nossa]

posicionamento feminista, ao colocar a mulher no centro da narrativa, problematizando as opressões vividas pelas chicanas. Isto é evidenciado em sua série de ficção detetivesca, cuja protagonista é a personagem Gloria Damasco, a primeira detetive feminina da literatura chicana. A autora apresenta em sua ficção elementos muitas vezes dissimulados de preconceito da hegemonia branca estadunidense em relação à comunidade chicana. São abordadas ainda desigualdades dentro desta própria coletividade, especialmente no que diz respeito à condição feminina.

Para analisar a obra de Corpi, é necessário refletir sobre as colonizações sofridas pelas/os chicanas/os, que possuem diversas culturas envolvidas em sua herança. Seu antepassado indígena foi colonizado pelo imperialismo da Espanha, no período da conquista da América, e posteriormente suas raízes indígenas e espanholas, que se tornaram mexicanas, foram dominadas pelo imperialismo neocolonial dos EUA. É devido a esta característica da literatura chicana - ser um agente de conscientização política e de denúncia da subalternidade -, que foram selecionados textos de teóricos do chamado Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C), constituído no final dos anos 1990 e formado por intelectuais latino-americanos situados em diversas universidades das Américas, que defendem a opção decolonial com o intuito de compreender e atuar no mundo, marcado pela permanência da colonialidade global nos diferentes níveis da vida pessoal e coletiva. (BALLESTRIN, 2013, p. 89)

Em relação à identidade do coletivo M/C, "a supressão da letra 's' marcaria a distinção entre o projeto decolonial do Grupo Modernidade/Colonialidade e a ideia histórica de descolonização, via libertação nacional durante a Guerra Fria." (BALLESTRIN, 2013, p. 108) Seu objetivo principal é lutar contra o colonialismo e o eurocentrismo, situando as Américas como o principal lócus de enunciação e buscando "[...] a construção de modernidades alternativas ao único modelo ocidental." (BALLESTRIN, 2013, p. 111) Como aponta Arturo Escobar, o Grupo M/C fornece uma possibilidade de pensar a partir de diferentes espaços que rompem com o eurocentrismo como única perspectiva epistemológica. (ESCOBAR, 2010, p. 42) Ele aponta ainda que o programa de pesquisa do M/C é uma abordagem construída a partir da periferia latino-americana do sistema mundial colonial/moderno e que ajuda a explicar a dinâmica do eurocentrismo na construção da modernidade, buscando transcendê-lo. (ESCOBAR, 2010, p. 43)

No que se refere à conexão entre a abordagem decolonial e o pensamento pós-colonial, Ballestrin afirma que mesmo assumindo a influência do pós-colonialismo, o Grupo M/C recusa o pertencimento e a filiação a essa corrente. (BALLESTRIN, 2013, p. 108) Isto é devido ao fato de o M/C considerar que os estudos pós-coloniais fazem parte da teoria crítica

da Europa, sobre a qual se construiu a teoria pós-colonial com as experiências da elite intelectual nas ex-colônias inglesas. (BALLESTRIN, 2013, p. 108) Além disso, a conceituação de modernidade/colonialidade promovida pelo M/C localiza as origens da modernidade na conquista da América, em vez de nos marcos mais comumente aceitos, como o Iluminismo ou o final do século XVIII e traz uma concepção de eurocentrismo como a forma de conhecimento da modernidade/colonialidade, com a concomitante subalternização dos conhecimentos e das culturas de outros grupos. (ESCOBAR, 2010, p. 38) Assim, o ponto de partida dos teóricos do decolonialismo é a colonização das Américas pelos países ibéricos.

Apesar de haver importantes questões e pontos em comum entre a abordagem decolonial e o feminismo, Escobar reconhece que o tratamento do gênero pelo grupo M/C tem sido inadequado (ESCOBAR, 2010, p. 46), especialmente devido à pouca participação das mulheres no grupo, o que contradiz com o diálogo aberto e constante com o feminismo, especialmente latino. (BALLESTRIN, 2013, p. 98) María Lugones também tece críticas a respeito da questão de gênero pelo M/C, especialmente em relação a Aníbal Quijano, teórico que fundamentou o pensamento decolonial, afirmando ele assume os entendimentos patriarcais e heterossexuais das disputas pelo controle do sexo, seus recursos e produtos, e que aceita a compreensão capitalista global e eurocentrada do que é gênero. (LUGONES, 2010, p. 370)

Contudo, o M/C tem reconhecido suas lacunas e procurado aumentar a participação de mulheres, como pode ser notado nos artigos constantes da obra *Globalization and the Decolonial Option* (2010), em que há diversos textos produzidos por acadêmicas como a já citada María Lugones, além de Catherine Walsh, Freya Schiwy, dentre outras. Como aponta Ballestrin, "o feminismo decolonial faz questão de colocar as Américas e a América Latina, em particular, como mapa de sua referência." (BALLESTRIN, 2017, p. 1044) As chicanas estão inseridas entre as latino-americanas devido à sua origem mexicana e sua subalternização de raça e gênero. Como aponta Quiñonez, existe uma perspectiva global que reflete uma consciência maior conectando as condições históricas e socioeconômicas das mulheres de cor nos EUA com aquelas dos países do Terceiro Mundo. (QUIÑONEZ, 2002, p. 146)

Além disso, Mignolo destaca que sua ideia de "pensamento liminar" foi modelada por ele conforme a experiência chicana (MIGNOLO, 2003, p. 26), citando em diversas passagens desta sua obra o nome de Gloria Anzaldúa, feminista que aborda as diversas opressões vividas pelas mulheres chicanas e suas origens indígena/espanhola/mexicana nos EUA. Ele define "[...] o pensamento liminar como os momentos de fissura no imaginário do sistema mundial colonial/moderno." (MIGNOLO, 2003, p. 49) Acrescenta ainda que "o pensamento liminar,

na perspectiva da subalternidade, é uma máquina para a descolonização intelectual, e, portanto, para a descolonização política e econômica." (MIGNOLO, 2003, p. 76) Ainda mais enfaticamente, o autor afirma:

> Minha concepção de pensamento liminar não emerge de uma genealogia conceitual universal [...] Emerge das histórias locais dos legados espanhóis na América. Mais especificamente, minha conceitualização emerge do conflito imperial entre a Espanha e os EUA, no século 19, que gerou a fronteira física entre o México e os EUA. (MIGNOLO, 2003, p. 102)

O domínio estadunidense se estende atualmente por inúmeras partes do planeta, pela grande influência deste país em termos econômicos, políticos e culturais, porém as/os chicanas/os são mais diretamente afetadas/os por estarem em território deste país, além de sua proximidade geográfica com o México e os conflitos que daí surgem. Todavia, grande parte das terras ao sul dos EUA eram território mexicano. Como afirma Mignolo (2010, p. 4), os EUA empurraram suas fronteiras do sul mais para o sul, em 1848, deixando milhares de mexicanos dentro do território expandido dos EUA. O que ocorreu no referido ano foi a assinatura de um tratado que cedia grande parte do território do México aos EUA após uma guerra entre os dois países: "*The border fence that divides the Mexican people was born on February 2, 1848 with the signing of the Treaty of Guadalupe-Hidalgo*."[4] (ANZALDÚA, 1987, p. 7)

Assim, Anzaldúa evidencia a separação do povo mexicano por uma fronteira arbitrária, conquistada pela violência e devido a interesses econômicos. Ela reflete ainda sobre o choque entre México e EUA: *The U.S.-Mexican border es una herida abierta where the Third World grates against the first and bleeds. And before a scab forms it hemorrhages again, the lifeblood of two worlds merging to form a third country - a border culture*.[5] (ANZALDÚA, 1987, p. 3) Esta colisão cultural entre os dois países abre espaço para a formação de um terceiro lugar, que se forma a partir dos dois mas que não é simplesmente sua soma, e sim uma alternativa, apontando para possibilidades além de dicotomias. É desta mistura de raças, mas também de ideias e culturas, que nasce o que ela denomina uma nova

[4] "A cerca da fronteira que divide o povo mexicano nasceu em 2 de fevereiro de 1848 com a assinatura do Tratado de Guadalupe-Hidalgo." (ANZALDÚA, 1987, p. 7) [tradução nossa]

[5] "A fronteira dos EUA com o México é uma ferida aberta onde o Terceiro Mundo raspa contra o primeiro e sangra. E antes que uma casca se forme, ela volta a sangrar, a força vital de dois mundos que se fundem para formar um terceiro país - uma cultura de fronteira." (ANZALDÚA, 1987, p.3) [tradução nossa]

consciência mestiça, uma consciência de mulher, uma consciência da zona de fronteira. (ANZALDÚA, 1987, p. 77)

Retomando a questão da fronteira geopolítica, de um dia para outro uma parte do México passou a pertencer aos EUA, tornando assim uma parcela da população mexicana estrangeira em sua própria terra. Em outras palavras, como observam Grosfoguel, Maldonado-Torres e Saldívar (2005, p. 9), os EUA "chegaram" aos povos colonizados como parte de um processo de colonização que deu riqueza e privilégios aos euro-americanos. No caso do México e dos mexicanos, este processo foi bastante intenso, com a tomada de terras mexicanas pelos EUA, que é definido pelos autores como o país central mais poderoso no sistema mundial capitalista hoje. (GROSFOGUEL; MALDONADO-TORRES; SALDÍVAR, 2005, p. 4).

Norma Alarcón, respeitada teórica de Estudos Chicanos, possui especial interesse pelo trabalho das mulheres de cor (*women of color*), que emerge através da lacuna crítica e material produzida por múltiplas exclusões. (ALARCÓN, 2002, P. 114) Ela aponta que o espaço da fronteira geopolítica entre o México e os Estados Unidos é o resultado de guerras expansionistas, colonização, policiamento e exploração, onde formações contínuas de violência estão em andamento. Isso vem ocorrendo, como confrontos misóginos e racializados, pelo menos desde que os espanhóis começaram a colonizar a fronteira norte do México, o que hoje é o sudoeste incompletamente anglo-americanizado. (ALARCÓN, 2002, P. 116) Ela chama atenção assim para questões de gênero e raça, e ainda aponta que esta região dos EUA não foi totalmente aculturada, mesmo pertencendo a este país.

Os migrantes não-europeus/não-brancos sempre foram relegados aos patamares mais desfavorecidos em relação a direitos e condições de vida em todas as esferas. Uma característica constante da colonialidade é que os grupos brancos europeus/euro-americanos estão sempre no topo da hierarquia racial/étnica, apesar das mudanças ao longo do tempo dos discursos racistas, da dinâmica racial e dos grupos que compartilham a base da hierarquia. (GROSFOGUEL; MALDONADO-TORRES; SALDÍVAR, 2005, p. 12) Assim, a raça sempre foi um fator preponderante do processo colonial, categoria imprescindível para a subjugação de povos e culturas considerados "inferiores", "primitivos" e outros termos utilizados para justificar a dominação colonialista. Como aponta Quijano:

> [...] it is very clear that the large majority of the exploited, the dominated, the discriminated against, are precisely the members of the 'races', 'ethnies', or 'nations' into which the colonized populations were categorized in the

> formative process of that world power, from the conquest of America and onward. (QUIJANO, 2010, p. 23)[6]

É em relação a raça e gênero e especialmente à interseccionalidade entre estas categorias que se dará a análise das obras em foco. Nelas, o tópico da investigação criminal é apenas um dos múltiplos problemas a serem expostos e examinados. Os crimes que Gloria Damasco busca desvendar são como portais que levam a questões ainda mais substanciais por trás de mortes e violência, promovendo um exame de questões históricas e políticas. Assim, o crime vai muito além de um fato pontual e motivador da busca pelo culpado, tornando-se um meio para trazer à tona aspectos mais profundos relativos ao seu contexto social. Em *Eulogy for a Brown Angel* (1992), a narrativa inicia em plena marcha da Moratória Chicana, protesto contra a guerra do Vietnã ocorrido em 1970 em Los Angeles. Já *Cactus Blood* (1995) retoma o boicote às uvas de 1973 na Califórnia promovido pela união de trabalhadores agrícolas.

Assim, a reconstrução da herança mexicana e da história chicana nos EUA torna-se tão - ou até mais - importante do que a solução do mistério. A autora promove uma releitura histórica e um mergulho cultural através do resgate de símbolos e eventos políticos significativos para o povo chicano. É proposta uma visão de mundo que problematiza as construções sociais chicanas, evidenciando que o termo não abarca um bloco monolítico. Mesmo tratando-se de uma coletividade com questões comuns, há ainda muitas desigualdades internas, principalmente em relação às mulheres, as quais também não devem ser categorizadas como um grupo homogêneo. Suas obras trazem complexidades históricas, políticas e identitárias, com personagens multifacetadas.

Eulogy for a Brown Angel (1992) é o título de estreia da série detetivesca de Corpi, e nele Gloria Damasco é apresentada como uma jovem mulher, mãe de uma filha pequena e esposa de um médico, que trabalha como *speech therapist*, isto é, "terapeuta da fala" ou fonoaudióloga. Interessante notar que esta sua função mostra a personagem como uma especialista da palavra, que ajuda as pessoas a melhor se articularem, trabalhando com a voz - e sua função posterior como investigadora será também a de resgatar vozes, discursos e histórias de pessoas discriminadas e invisibilizadas. Sua profissão remete ainda ao *Free Speech Movement*, movimento político estudantil pela liberdade de expressão, que ocorreu justamente em 1964 na Universidade de Berkeley na Califórnia e é mencionado no livro.

[6] "[...] é muito claro que a grande maioria dos explorados, dominados, discriminados, são precisamente os membros das 'raças', 'etnias' ou 'nações' nas quais as populações colonizadas foram categorizadas no processo formativo daquele poder mundial, desde a conquista da América e em diante." (QUIJANO, 2010, p. 23) [tradução nossa]

Gloria entra no mundo da investigação criminal através de um trágico acontecimento ocorrido em 1970 durante o protesto que ficou conhecido como *Chicano Moratorium March*, contra a guerra do Vietnã e que reivindicava justiça social dentro dos EUA, que de fato ocorreu naquele ano em Los Angeles. Neste cenário, inserida no Movimento Chicano e manifestando sua posição política, Gloria acidentalmente encontra o corpo de um menino chicano, e essa morte será crucial na mudança que ocorrerá em sua vida, pois a partir daí se intensifica nela um forte ímpeto de busca por justiça, e ela acaba se envolvendo nas investigações para descobrir o assassino da criança. Ao ligar para a polícia para relatar a ocorrência, Gloria ressalta a discriminação sofrida pelos chicanos: "*I hesitated. A Spanish surname always meant a delay of at least an hour in emergencies*." (CORPI, 1992, p. 21)[7]

É assim que Gloria torna-se uma detetive amadora, e ainda passa a ter visões extrassensoriais, que surgem a partir da descoberta do corpo do menino chicano. Por não as compreender muito bem e nem saber como interpretá-las, ela denomina essa sua espécie de clarividência de dom sombrio - *dark gift*. No entanto, essa consciência extrassensorial não é prontamente aceita por ela mesma, que percebe-se em conflito entre essas percepções, sobre as quais sente não possuir qualquer controle, e seu lado racional, aquele que busca uma explicação lógica. Ela mostra ser uma mulher mais voltada à racionalidade, e não se sente à vontade para contar essas vivências sequer para Luisa, sua melhor amiga. Ela reflete sobre este seu dom: "*I already knew that something in my psychological make-up had changed.* [...] *Surely it wasn't much of a gift, I realized. What good were visions if there was no way to decode them? If their effectiveness as a tool to apprehend the murderer was nil?*"[8] (CORPI, 1992, p. 62)

O receio de Gloria em compartilhar essas sensações até mesmo com Luisa indica o seu próprio preconceito com relação a esse tipo de experiência, demonstrando sua dificuldade em aceitar uma característica que foge do que é amplamente aceito pelo pensamento ocidental preponderante. Ela agora precisa lidar com um lado nebuloso de sua psique, que escapa ao que pode ser apreendido por meio da concepção racional e da lógica. Gloria percebe que seu receio é de ter sua competência intelectual posta em xeque quando finalmente revela seu segredo a Luisa: "*I hadn't realized until then how touchy I felt whenever a conversation*

[7] "Eu hesitei. Um sobrenome espanhol sempre significou um atraso de pelo menos uma hora em emergências." (CORPI, 1992, p. 21) [tradução nossa]

[8] "Eu já sabia que algo na minha constituição psicológica havia mudado. [...] Certamente este não era um grande presente, eu percebi. De que adiantavam as visões se não havia um modo de decodificá-las? Se a sua eficácia como ferramenta para capturar o assassino era nula?" (CORPI, 1992, p. 62) [tradução nossa]

turned to any topic that might put into question a woman's intellectual ability." (CORPI, 1992, p. 48)[9]

Gloria se coloca como ativa participante do Movimento Chicano, consciente de que suas ações afetam toda a sua comunidade minoritária, isto é, à margem do poder, que luta contra a discriminação e opressão, buscando justiça social e melhores condições de vida. Ao seguir pistas em direção à busca pelo assassino da criança, acaba envolvendo-se em uma série de episódios e depara-se com um outro homicídio, e desta vez a vítima é um adolescente chicano. Ao analisar as evidências, ela reflete sobre aquele que considera ser o provável suspeito do assassinato, um homem chicano. Não tendo certeza de ser ele o culpado pelo crime, Gloria pondera se deve levar sua suspeita à polícia:

> In the summer of 1970 everything anyone of us did had to be considered according to its political impact on the Chicano community. So Luisa and I supported the unwritten rule that forbade Chicanos to go public on any issues that could be used to justify discrimination against us. (CORPI, 1992, p. 64)[10]

Em seguida, Gloria tece outras considerações a respeito da situação dos chicanos dentro do território estadunidense, indicando a posição de subalternização imposta a eles pelo grupo dominante anglo-americano. Os chicanos, juntamente com outros povos latinos são minoria em termos de poder, mas formam em termos demográficos uma maioria não-branca excluída das estruturas de poder, recursos e tomada de decisão enquanto uma minoria demográfica branca lidera o país. (GROSFOGUEL; MALDONADO-TORRES; SALDÍVAR, 2005, p. 19) A invisibilidade social em relação a direitos é inversamente proporcional à visibilidade que os chicanos têm quando a ocasião é de suspeita de envolvimento com o crime, quando são alvos de julgamento e discriminação: "[...] *we were a people within a nation. Our behavior was constantly under scrutiny, our culture relentlessly under siege*." (CORPI, 1992, p. 64)[11]

---

[9] "Eu não tinha percebido até então o quão incomodada me sentia sempre que uma conversa se voltava para qualquer assunto que pudesse colocar em questão a capacidade intelectual de uma mulher." (CORPI, 1992, p. 48) [tradução nossa]

[10] "No verão de 1970, tudo o que qualquer um de nós fazia tinha que ser considerado de acordo com seu impacto político na comunidade chicana. Então Luisa e eu apoiávamos a regra não escrita que proibia os chicanos de irem a público em relação a quaisquer questões que pudessem ser usadas para justificar a discriminação contra nós." (CORPI, 1992, p. 64) [tradução nossa]

[11] "[...] nós éramos um povo dentro de uma nação. Nosso comportamento estava constantemente sob escrutínio, nossa cultura implacavelmente sitiada." (CORPI, 1992, p. 64) [tradução nossa]

Além da questão étnico-racial, entra ainda a questão de gênero na dominação colonial, uma vez que a colonialidade do poder dos EUA é constituída pela supremacia dos homens brancos. (GROSFOGUEL; MALDONADO-TORRES; SALDÍVAR, 2005, p. 14) Naomi Quiñonez, poeta, professora e teórica chicana, afirma que abraçou uma identidade chicana enquanto questionava a marginalização das mulheres no Movimento Chicano, o que, por sua vez, a ajudou a compreender a importância e a necessidade do feminismo (QUIÑONEZ, 2002, p. 130). Esta é uma questão que perpassa as múltiplas dominações sofridas pela mulher chicana, pois durante o Movimento Chicano elas eram discriminadas por homens de sua própria comunidade. Ou seja, as chicanas foram negadas, desvalorizadas ou omitidas em dois tipos de discurso: o discurso (anglo-)americano dominante e o discurso chicano masculino. (QUIÑONEZ, 2002, p. 141) Isto também desponta na obra de Corpi, quando Gloria afirma: "*Chicano nationalism and feminism didn't walk hand in hand before or during the summer of 1970*."[12] (CORPI, 1992, p. 66)

Aliada à sua consciência política, está também presente em Gloria Damasco a sua conscientização psíquica em relação ao seu "dom sombrio", isto é, às visões que passou a ter a partir de seu envolvimento com a investigação criminal. Ao longo da narrativa ela tece diversas reflexões a respeito desta sua nova faceta, e mais ao fim da obra ela percebe que esta será uma característica com a qual terá que lidar até o fim de sua vida, mesmo tendo críticas a respeito dela: "*How unfair it seemed to be the recipient of a dark gift, yet to have it be so small and limited. Only one thing seemed certain at the time, that no matter how limited this psychic gift was, it would remain a part of me until the day I died*."[13] (CORPI, 1992, p. 128)

Ao fim de *Eulogy for a Brown Angel* (1992), Gloria rememora as situações que viveu e presenciou, enfatizando que as maiores vítimas de violência são mulheres e crianças, o que envolve mães e seus filhos e filhas. Isto enfatiza o papel feminino de grande relevância na cultura chicana, herdada da mexicana, o de mãe, que reflete ainda as amarras patriarcais a que estão sujeitas as mulheres chicanas. São elas as maiores responsáveis pelas crianças, e Gloria também se sente assim, culpando-se quando percebe não estar colocando sua família em primeiro lugar, sem tecer muitos questionamentos em relação à maternidade. Na passagem a seguir, Gloria observa a importância da união entre as mulheres, dando apoio umas às outras e

[12] "O nacionalismo chicano e o feminismo não caminhavam de mãos dadas antes ou durante o verão de 1970." (CORPI, 1992, p. 66) [tradução nossa]

[13] "Quão injusto me parecia ser a receptora de um dom sombrio, e ainda este sendo tão pequeno e limitado. Apenas uma coisa parecia certa no momento, que não importa o quão limitado este dom psíquico fosse, ele permaneceria como uma parte de mim até o dia em que eu morresse." (CORPI, 1992, p. 128) [tradução nossa]

como este suporte é essencial na reconstrução de suas vidas após tragédias como as ocorridas ao longo da narrativa:

> Then, her thoughts drifted over the many mothers who had been involved in this case. [...] They seemed to be caught in a game where all the main players were men, and the losers were all women and their children. When this was over - as in time of war and subsequent peace - the women would have to swallow their grief and their shame. They would have to comfort and support each other, then begin the long and painful task of rebuilding their lives.[14] (CORPI, 1992, p. 170-171)

Enquanto na primeira obra da série detetivesca de Corpi Gloria Damasco atuou como detetive amadora, em *Cactus Blood* (1995), o segundo título, a personagem encontra-se no rumo para tornar-se uma investigadora particular profissional. Esta narrativa tem início no ano de 1989, e seu enredo é desencadeado pela morte de um ativista chicano, evidenciando questões políticas, visto que no apartamento do falecido é encontrado um vídeo que mostra cenas da greve de 1973 promovida pela *United Farm Workers*, sindicato de trabalhadores agrícolas nos EUA. Também naquele ano houve boicote às uvas pelos chicanos, que Gloria afirma ter apoiado junto com sua família, mostrando mais uma vez sua veia politicamente engajada. Assistindo ao vídeo, Gloria se abala, relembrando a violência de que foi testemunha no ano de 1973, e também rememorando outro episódio de agressões ocorrido em 1970, o cenário de abertura do primeiro livro da série:

> As if they had been thrown personally at me, the racial slurs thundered in my ears and pierced my heart. A visceral anger rose slowly from deep within me and hit the walls of my throat. I hadn't felt such impotent rage since the 1970 Los Angeles National Chicano Moratorium march and riot, when the police had attacked us as we peacefully assembled.[15] (CORPI, 1995, p. 18)

Gloria Damasco, como ativista do Movimento Chicano nas décadas de 1960 e 1970, agora distante já quase duas décadas do contexto em que estava imersa naquela época, em sua

[14] "Então, seus pensamentos vagaram sobre as muitas mães que estiveram envolvidas neste caso. [...] Elas pareciam estar presas em um jogo onde todos os principais jogadores eram homens, e os perdedores eram todos mulheres e seus filhos. Quando isso terminasse - como em tempos de guerra e da paz subsequente - as mulheres teriam que engolir a sua dor e a sua vergonha. Elas teriam que confortar e apoiar umas às outras, e então começar a longa e dolorosa tarefa de reconstruir suas vidas". (CORPI, 1992, p. 170-171) [tradução nossa]

[15] "Como se tivessem sido lançados pessoalmente contra mim, os insultos raciais trovejaram em meus ouvidos e perfuraram meu coração. Uma raiva visceral surgiu lentamente do fundo de mim e atingiu as paredes da minha garganta. Eu não sentia uma raiva tão impotente desde a manifestação e marcha da Moratória Nacional Chicana de Los Angeles em 1970, quando a polícia nos atacou enquanto nos reuníamos pacificamente." (CORPI, 1995, p. 18) [tradução nossa]

juventude, percebe sentir falta daqueles tempos de luta e militância. Através do vídeo, as imagens do protesto de sua comunidade e do conflito a fazem rememorar diversos acontecimentos dos quais participou ativamente no passado, percebendo também como essas lembranças ainda a afetam no presente: "*I realized that in the span of Art's film I had grown politically nostalgic. I knew I was wallowing in wistfulness, wishing that things were the way they used to be in the late sixties and early seventies*."[16] (CORPI, 1995, p. 21)

Outro ponto levantado pela obra é a questão da autodenominação das/os chicanas/os. Aquelas/es com maior engajamento político deixam claro que não aceitam o termo "hispânica/o" - é o que explicitam ao menos duas personagens deste título: "*I'll call myself Latino, but not Hispanic. It's got to be this way or there won't be any of us Chicano chingones left*."[17] (CORPI, 1995, p. 56) "*Do you always have to be so non-committal? When did you abandon your political commitment? Next you'll be calling yourself Hispanic*."[18] (CORPI, 1995, p. 174) Esta questão pode ser esclarecida na observação atenta de Sonia Torres, que afirma: "[...] o rótulo étnico "hispânicos" serve como índice da ansiedade de homogeneização anglo-europeia, que costuma colocar seus 'outros' sob um mesmo guarda-chuva étnico, sem levar em conta as diferenças nacionais, culturais e raciais desses povos [...]" (TORRES, 2001, p. 10)

Retomando a questão colocada no primeiro livro quanto à sua posicionalidade em relação ao seu grupo étnico, Gloria mais uma vez reflete sobre como suas ações individuais podem afetar a coletividade de sua comunidade chicana. Questões relacionadas à ética e justiça são deflagradas, pois omitir alguma informação de outros chicanos pode ser interpretado como deslealdade, o que era ainda mais grave na época do Movimento Chicano na década de 1970. Assim, Gloria se questiona:

> Where did my loyalties rest? If I had to choose, whom would I save? Whom would I sacrifice? At what cost? During my involvement in the Chicano Civil Rights Movement in the 1970s, I had often lived with these kinds of

[16] "Percebi que, no decorrer do filme de Art, eu me tornara politicamente nostálgica. Eu sabia que estava mergulhada em uma melancolia saudosa, desejando que as coisas fossem do jeito que costumavam ser no final dos anos sessenta e início dos anos setenta." (CORPI, 1995, p. 21) [tradução nossa]

[17] "Eu vou me autodenominar latino, mas não hispânico. Tem que ser desse jeito ou não vai sobrar nenhum de nós, chicanos incríveis" (CORPI, 1995, p. 56) [tradução nossa]

[18] "Você tem sempre que ser tão não-comprometida? Quando você abandonou o seu comprometimento político? Daqui a pouco você vai estar se autodenominando hispânica [...]" (CORPI, 1995, p. 174) [tradução nossa]

> ethical dilemmas. I hoped that this time I would not have to face such a quandary.[19] (CORPI, 1995, p. 161)

Novamente, a reflexividade da protagonista se destaca, não somente na esfera política, em sua posição individual diante da coletividade, mas também na esfera pessoal, em relação às suas percepções extrassensoriais, seu dom sombrio, que continua a atuar ao longo desta nova investigação criminal. Mesmo após tantos anos lidando com esta sua característica, Gloria demonstra ainda ter dificuldade em lidar com suas visões, indicando que as inquietações permanecem e não podem deixar de existir, que sua identidade sempre terá estes dois lados que devem ser manejados: "*I felt disgruntled at the thought that I might forever have to second-guess myself, to rifle the murky waters of my psyche armed with nothing more than the puny light of my intuitive intelligence to guide me*."[20] (CORPI, 1995, p. 69)

Gloria é uma protagonista que transita entre diversos dilemas, enfrentando questões éticas em sua vida social e tendo que lidar ao mesmo tempo com aspectos divergentes de sua própria identidade, ao encontrar-se em diversos entre-lugares, como aqueles entre intuição e razão, entre justiça e discriminação, nem sempre aceitando, às vezes lutando contra, mas sempre se conscientizando do que se passa interna e externamente em sua vida. O mais importante é a conscientização, pois é a partir dela que as mudanças necessárias podem ser efetuadas: "*Awareness of our situation must come before inner changes, which in turn come before changes in society*."[21] (ANZALDÚA, 1987, p. 87)

No percurso traçado pela obra de Corpi, é possível observar que a autora tece sua ficção de modo a transmitir conhecimento sobre diversos aspectos relacionados à comunidade chicana. A função pedagógica é um aspecto importante da literatura chicana, no sentido de educar os outros sobre questões históricas e sociais importantes para a identidade chicana (QUIÑONEZ, 2002, p. 132). As tensões entre as tradições mexicanas e os valores (anglo-) americanos, a conquista e a colonização, o feminismo e o patriarcado, a sexualidade e a repressão e o poder e a expropriação proporcionam a fonte de inspiração para os temas literários (QUIÑONEZ, 2002, p. 138). Diversas dessas temáticas são exploradas por Corpi,

---

[19] "Onde minhas lealdades repousavam? Se eu tivesse que escolher, quem eu salvaria? Quem eu sacrificaria? A que custo? Durante meu envolvimento no Movimento Chicano de Direitos Civis nos anos 1970, eu tinha muitas vezes vivido com esse tipo de dilema ético. Eu esperava que desta vez eu não tivesse que enfrentar tal impasse." (CORPI, 1995, p. 161) [tradução nossa]

[20] "Senti-me desanimada com o pensamento de que eu poderia sempre ter que adivinhar-me, revistando as águas turvas da minha psique, armada com nada além da fraca luz da minha inteligência intuitiva para me guiar." (CORPI, 1995, p. 69) [tradução nossa]

[21] "A consciência de nossa situação deve vir antes de mudanças internas, que por sua vez vêm antes de mudanças na sociedade." (ANZALDÚA, 1987, p. 87) [tradução nossa]

sendo que as mais ressaltadas nesta análise foram aquelas relacionadas à interseccionalidade entre raça e gênero, enfatizando a colonialidade em aspectos sociais e políticos.

Também pode-se considerar a narrativa de Corpi como uma forma de contraescritura, pois ela coloca sua escrita como um modo de resistência ao pensamento dominante, questionando as perspectivas hegemônicas e tornando sua obra um meio de combate e resistência do grupo minoritário chicano frente à dominação branca estadunidense, e especialmente da voz feminina chicana com relação aos seus opressores, tanto externos quanto internos. Como outras escritoras chicanas, ela se envolve em resistência cultural e emprega uma política da diferença (QUIÑONEZ, 2002, p. 141), ao evidenciar divergências entre países, culturas, pessoas e modos de pensamento, como sua percepção extrassensorial em contraste com sua racionalidade, o modo predominante que possui base eurocêntrica.

As escritoras chicanas muitas vezes servem como receptáculos para criar perspectivas alternativas e autopercepções que inserem a experiência pessoal com o propósito de transcender a opressão. (QUIÑONEZ, 2002, p. 149) Isto é nítido na obra de Corpi, que inclui muito de sua própria vivência como chicana, trazendo uma percepção mais ampla e problematizada desta minoria. A personagem Gloria também leva suas questões pessoais para o nível macro, evidenciando a relação de mútua influência entre as esferas pública e privada.

Assim, a partir deste grupo subalternizado, pode-se tecer reflexões valiosas também sobre outras comunidades, pois apesar de não haver mais a relação de colonialismo no sentido entre metrópole e colônias, a colonialidade permanece, em relações de opressão entre os centros de poder e suas periferias. A literatura de Corpi é assim uma forma de reflexão e atuação ao mesmo tempo, trazendo à tona questões que afetam não somente a comunidade chicana, mas outros grupos subalternizados pela colonialidade. Trazendo as palavras de Mignolo:

> Minha discussão visa criar, através do pensamento liminar (isto é, pensamento situado entre as ciências humanas e a literatura) um arcabouço no qual a prática literária não seja concebida como objeto de estudo (estético, linguístico ou sociológico), mas como produção de conhecimento teórico; não como "representação" de algo, sociedade ou ideias, mas como reflexão à sua própria moda sobre problemas de interesse humano e histórico. (MIGNOLO, 2003, p. 305)

Assim pode ser considerada a obra de Corpi, que vai além da mera representação, tecendo reflexões importantes e colocando-se criticamente em relação aos modos dominantes de pensamento, produzindo uma quebra de paradigmas. Sua obra contribui para que sujeitos

subalternizados como os chicanos - e especialmente *as chicanas* - tomem a posição de sujeitos, representando a si mesmas, construindo seus próprios discursos e saindo do papel de meros objetos de representação. A literatura chicana traz vozes que questionam autoridades, recuperam histórias e conhecimentos subjugados, criticam e contradizem narrativas de ordem racial e patriarcal e que reivindicam espaço e lugar para discursos culturais deste grupo minoritário, buscando entender como essas criações articulam uma resistência à multiplicidade de opressões em relação a raça, classe, gênero e sexualidade e realizam uma mestiçagem e hibridismo cultural na era das globalizações transnacionais (ALDAMA; QUIÑONEZ, 2002, p. 2-3).

Abstract: This work aims to present an investigation on issues of race, gender and coloniality present in writer Lucha Corpi's detective fiction series. The first two works of the series will be examined: *Eulogy for a Brown Angel* (1992) and *Cactus Blood* (1995), whose protagonist is Gloria Damasco, the first female detective of Chicana literature. Several topics are presented through this character, that involve the cultural, historical, social and political context of a subalternized group within the United States for having Mexican origins. It seeks to point out ways that lead to reflection on oppression and social exclusion based on the decolonial perspective elaborated by Latin American thinkers such as Walter Mignolo, Arturo Escobar, María Lugones, among others.

Keywords: Coloniality. Gender. Detective fiction. Chicana literature.

Referências

ALARCÓN, Norma. Anzaldúa's Frontera: inscribing gynetics. In: ALDAMA, Arturo J.; QUIÑONEZ, Naomi H. *Decolonial Voices*: Chicana and Chicano Cultural Studies in the 21st Century. Bloomington: Indiana University Press, 2002.

ALDAMA, Arturo J.; QUIÑONEZ, Naomi H. ¡Peligro! Subversive subjects: chicana and chicano cultural studies in the 21st century. In: _____. *Decolonial Voices*: Chicana and Chicano Cultural Studies in the 21st Century. Bloomington: Indiana University Press, 2002.

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La Frontera*: the New Mestiza. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

BALLESTRIN, Luciana. *América Latina e o giro decolonial*. Revista Brasileira de Ciência Política, n. 11, p. 89-117, 2013.

_____. *Feminismos Subalternos*. Estudos Feministas, v. 25, n. 3, p. 1035-1054, 2017.

CASTRO, Rafaela G. *Chicano Folklore*: A Guide to the Folktales, Traditions, Rituals and Religious Practices of Mexican-Americans. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CORPI, Lucha. *Eulogy for a Brown Angel*. Houston: Arte Público Press, 1992.

_____. *Cactus Blood*. Houston: Arte Público Press, 1995.

ESCOBAR, Arturo. Worlds and Knowledges Otherwise: the latin american modernity/coloniality research program. In: MIGNOLO, Walter D.; _____. (eds.). *Globalization and the Decolonial Option*. London; New York: Routledge, 2010.

GROSFOGUEL, Ramón; MALDONADO-TORRES, Nelson; SALDÍVAR, José David. Latin@s and the "Euro-American Menace": The Decolonization of the U.S. Empire in the Twenty-First Century. In: _____. (eds.). *Latin@s in the World-System*: Decolonization Struggles in the Twenty-First Century U.S. Empire. New York; London: Routledge, 2005.

HARRIS, Leila Assumpção. Massacre of the dreamers: Por um feminismo transnacional. In: *Feminismos, identidades, comparativismos*: vertentes nas literaturas de língua inglesa. Rio de Janeiro: Caetés, 2003.

LUGONES, María. The Coloniality of Gender. In: MIGNOLO, Walter D.; ESCOBAR, Arturo (eds.). *Globalization and the Decolonial Option*. London; New York: Routledge, 2010.

MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais/projetos globais*: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

MIGNOLO, Walter D. Introduction: Coloniality of power and de-colonial thinking. In: _____; ESCOBAR, Arturo (eds.). *Globalization and the Decolonial Option*. London; New York: Routledge, 2010.

QUIJANO, Aníbal. Coloniality and Modernity/Rationality. In: MIGNOLO, Walter D.; ESCOBAR, Arturo (eds.). *Globalization and the Decolonial Option*. London; New York: Routledge, 2010.

QUIÑONEZ, Naomi H. Re(Riting) the Chicana Postcolonial: from traitor to 21st century interpreter. In: ALDAMA, Arturo J.; _____. *Decolonial Voices*: Chicana and Chicano Cultural Studies in the 21st Century. Bloomington: Indiana University Press, 2002.

TORRES, Sonia. *Nosotros in USA*: literatura, etnografia e geografias de resistência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.